

A EAD NA SOCIEDADE DA INTERAÇÃO

César Dias Soares; Rosana Soares de Lacerda

Universidade Federal da Bahia – UFBA, cesardsoares@hotmail.com; Universidade Federal do Piauí – UFPI, zana.inha16@hotmail.com

Resumo: Os caminhos da comunicação têm sofrido relevantes alterações com o surgimento das tecnologias digitais da informação e comunicação, tais mudanças são produto da popularização dos computadores pessoais que chegaram às residências na década de 1980. Na década seguinte emergiu um invento que revolucionou as formas de comunicação existentes até então, essa descoberta recebeu o nome de comunidades virtuais, as quais compostas por grupos, que por sua vez eram constituídos de indivíduos que lutavam, propagavam e defendiam os mesmos valores. Assim, com este artigo busca discutir sobre o surgimento das comunidades e grupos já citados, bem como os impactos trazidos por estas para o meio educacional e o surgimento da Educação a Distância – EaD, que usando o meio virtual como plataforma, onde se insere para dar todo suporte necessário para formação de profissionais nas mais diferentes áreas do conhecimento. Para isso, embasamo-nos em Rocha, Rangel e Sousa (2017); Castells (1999) e Schelmmmer (2005), entre outros que se fizeram necessários. Diante disso, percebemos que a grande rede, contribuindo para a educação como suporte para o ensino pode ser bem mais abrangente do que se imagina, visto que a EaD além de conhecimento também proporciona vínculos afetivos, como também estimula nos educandos a inteligência coletiva, de modo que esse estímulo não interfira no desenvolvimento da inteligência individual. Além disso, essa modalidade de educação se apresenta como um modelo inovador, que tem causado instabilidade nos modelos mais tradicionais de ensino. Identificamos ainda o relevante papel desse modelo educacional, os desafios e benefícios encontrados, e o quão é prazeroso, fazer parte do ensino-aprendizagem à distância. Assim, refletimos sobre pontos essenciais que alertam para um uso racional do virtual, de modo que esse venha a ser usado como apoio ou extensão do real e nunca como um substituto deste.

Palavras-chave: tecnologias digitais, comunidades virtuais, grupos, Educação à Distância, aprendizagem.

1. Considerações iniciais

O mundo contemporâneo, em sua “digitalidade”, tem proporcionado considerável facilidade no momento de realizar tarefas diárias, sejam elas *on* ou *offline*. Tal facilidade é produto do avanço ocorrido no mundo das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC’s). Além disso, na contemporaneidade, observa-se apreciável capacidade de transmitir, processar e armazenar informação, fato que pode ser visto como resultado das potencialidades comunicativas proporcionadas por essas tecnologias, processo que tem tensionado a educação a fim de superar modelos educativos conservadores.

Assim sendo, com esta produção, trazemos uma discussão relacionada ao surgimento da comunicação virtual e sua evolução, bem como de grupos e características necessárias a um indivíduo para pertencê-los, e ainda relacionada aos impactos trazidos por essas comunidades (formadas por grupos) para o meio educacional, de onde surge a Educação à Distância – EaD, tal como conhecemos hoje e, dentro dessa última, as facilidades trazidas

como também desafios encontrados em sua aplicação. Tudo isso, objetivando mostrar a importância da EaD na sociedade contemporânea, bem como desafios ainda vividos por essa modalidade de ensino. Afinal esta apresenta-se como forte argumento para uma nova configuração de um campo de produção de novos caminhos, em outras palavras, uma nova cultura. Com isso, busca-se contribuir para o aprofundamento da discussão que envolve o enunciado anteriormente citado.

Desta forma, a produção proposta é discutida com base no ponto de vista de teóricos, tais como, Rocha, Rangel e Sousa (2017); Castells (1999) e Schelmmmer (2005), entre outros, que consideram relevante a comunicação por intermédio de computadores pessoais (PC's) e de outros meios, bem como a permanência de indivíduos em comunidades ou grupos pertencentes/coexistentes na internet, e também a aprendizagem à distância, valendo-se da comunicação virtual. E para apresentarmos nossas arguições, além das considerações iniciais e finais, organizamos a produção em 02 seções, a saber: a virtualização da comunicação, situação que explicamos os caminhos pelos quais a comunicação percorreu para se virtualizar; e a interação na EaD e suas contribuições para a construção do aprendizado, onde enfatizamos as contribuições desta modalidade de ensino para a sociedade atual, bem como para a aprendizagem de quem participa dela.

2. A virtualização da comunicação

Os diferentes caminhos proporcionados pelo uso de um computador conectado à grande rede, têm trago para a discussão as diferentes práticas comunicativas da sociedade como um todo, bem como as práticas pedagógicas no âmbito da educação, em particular. Nesse sentido, falando de comunicação, a forma com que amigos se conectam e permanecem conectadas, como novos amigos são conquistados e como formas de ensinar e aprender tem se apresentado, entre outras situações, também tem passado por relevantes alterações, uma vez que, no contexto do século XXI, não necessariamente seja preciso estarem emissor e receptor (elementos necessários para a existência da comunicação) no mesmo tempo e espaço físico.

Estudos realizados por Castells (1999) apontam que no ano de 1990 foram criadas várias comunidades com o propósito de enviar e receber mensagens, fosse essa comunicação em tempo real, ou não. Tais estudos demonstram, que essas comunidades tiveram início nos Estados Unidos da América – EUA, e diante das facilidades proporcionadas à comunicação

por intermédio de um computador, sua expansão foi inevitável. Esses acontecimentos se deram, justamente, em razão da popularização do Computador Pessoal que passara a se instalar nas residências na década anterior.

O futuro de tudo isso, virtualmente falando, foi a junção de indivíduos, mas para tanto, tais pessoas precisavam “falar a mesma língua”, em outras palavras, identificar-se com o meio, estar em busca dos mesmos ideais; e isso deu início ao que conhecemos como grupos, porém com um pequeno diferencial, seus integrantes precisariam enquadrar-se em um perfil cujas características seriam pelo próprio grupo determinadas. A esse respeito, Reingold citado por Castells (1999) defende com ênfase

O nascimento de uma nova forma de comunidade, que reúne as pessoas *on-line* ao redor de valores e interesses comuns, **e ainda que** [...] comunidades online poderiam se transformar, como no próprio caso dele, em reuniões físicas, festas amistosas e apoio material para os membros da comunidade virtual (p. 442-443, grifo nosso).

Todavia, esses relacionamentos se tornaram mais abrangentes do que o esperado. Sobre isso Schelmer (2005) aponta que se estabeleciam em torno de interesses e/ou finalidades compartilhadas, e essa sistematização comunicativa veio a integrar como um todo as formas de expressão, tudo isso em razão de sua diversificação, versatilidade e possibilidade de múltipla modalidade. Sendo que, em certos momentos, a finalidade é somente a comunicação. Outro detalhe que não pode ser desprezado é que tais grupos se instalaram dentro das redes sociais pertencentes ao conteúdo da grande rede.

Esses espaços posteriormente se tornaram mais do que simples agrupamentos de indivíduos, o que deu um novo sentido ao que conhecemos como “entretenimento”. Assim, por mais distante que alguém possa estar de seus conhecidos, ainda assim será possível manter contato com boa parte ou, até mesmo, todos eles e, diferentemente de como acontece em uma ligação telefônica, onde a interação ocorre na proporção de um para um, no contexto descrito pode acontecer com todos simultaneamente.

É exatamente o que acontece hoje no ensino à distância, mas nem sempre foi assim. Cabe lembrarmos que em modelos iniciais de EaD, a interação professor-aluno acontecia via correspondência (Correios), e como citado anteriormente, haviam somente duas pessoas em comunicação, e ainda havia o fato de que passava um bom tempo até que a “carta” enviada pelo aluno chegasse nas mãos do professor, e vice-versa. Hoje, diferentemente de como acontecia, esse processo comunicativo se dá em instantes, e pode acontecer de forma síncrona, quando professores e alunos estão conectados ao mesmo tempo como, por exemplo,

em chats; ou assíncrona quando esses não estão conectados em tempo real, a exemplo disso apresenta-se os fóruns, onde mensagens podem ser escritas por um usuário e lida logo que postada, ou não, pelos demais (ROCHA; RANGEL; SOUSA, 2017).

Contudo, essa mudança na forma de se comunicar tem dado um novo significado à palavra “distância” que geograficamente falando, somente poderia ser medida em quilômetros, mas hoje dentro da era digital, pode-se sem medo nenhum, dizer que uma pessoa está a poucos cliques de outra. Entretanto, o que é considerado solução de um problema pode ser o início de outro, visto que a vida digital tem conquistado muitos usuários e, alguns deles optam pelas redes ao invés do convívio físico. Pesquisas atuais relacionadas ao a permanência descontrolada na rede, como a do site (O GLOBO, 2017) apontam que toda essa facilidade pode ter proporcionado significativas perdas aos usuários, o “viver *online*” pode lhe tirar da vida real. A pesquisa revela “que quanto mais tempo as pessoas passarem navegando por essas plataformas, maiores são as chances de elas experimentarem a sensação de isolamento social”. Ela mostra que pessoas que fazem mais de 58 acessos às redes por semana têm três vezes mais chances de se sentirem solitários do que pessoas que visitam em um número máximo de 9 vezes.

Todavia, seus pesquisadores deixam claro que, em razão da inexistência de conhecimentos que suprissem a indagação, “quem veio antes: o uso das redes sociais ou a percepção de isolamento social?”, não fora possível dar um sentido mais exato à discussão. Mas não se sabe ao certo se o as redes sociais roubam a atenção de indivíduos ou se estes, primeiramente, foram socialmente isolados, lhes restando, assim, somente as comunidades virtuais, único lugar onde o sentimento de pertença poderia ser alimentado. Porém, por uma outra ótica nota-se que diferentes pessoas podem usar uma mesma rede social para fins extremamente diferentes, o que as exclui da condição de vilãs da história. Assim sendo, Sherry Turkle citado por Castells (1999) defende que a vivência virtual não mais é do que um complemento não encontrado no real, e por essa razão usuários buscam nas redes fragmentos que possam complementar o existente e vice-versa.

A noção do real contra-ataca. Quem vive vidas paralelas na tela não estão obstante, ligadas pelos desejos, pela dor e pela mortalidade de suas personalidades físicas. As comunidades virtuais oferecem contexto novo e impressionante, no qual pensar sobre a identidade humana na era da internet. (p. 443).

Nesse sentido, voltando nosso olhar para o cenário educativo, dentro do mencionado contexto, os pontos de vista podem mudar completamente, visto que as ligações professores-

alunos e alunos-alunos tem se potencializado. Assim, emergem novos meios para o ensino-aprendizagem, bem como práticas e metodologias que proporcionam um trabalho virtual em paralelo ao físico, como observa-se nos mais diversificados modelos de EaD, sobre a qual falaremos adiante, enfatizando suas contribuições para o aprendizado dos educandos.

3. A interação na EaD e suas contribuições para a promoção do aprendizado

Quando a discussão se volta para as comunidades virtuais de aprendizagem, busca-se para a mesma, elementos existentes no meio, como os próprios ambientes, computadores, professores, alunos e a própria aprendizagem, objetivando melhor entender essa sincronia e seus resultados. Nota-se que a educação, na atualidade, tem se movido em direção a outros campos de aprendizagem para além dos modelos físicos, fato que vem alterado a relação com o saber, deslocando-o cada vez mais a caminho dos espaços virtuais, também conhecidos com ciberespaços, buscando alimentar os anseios da interação. Neste cenário, “a internet configura-se com um desses espaços, como sala de aprendizagem *online*” (ROCHA; RANGEL; SOUSA, 2017, p. 15).

Assim, os impactos trazidos pela digitalidade nos ajudam a fazer uma conexão e assimilar de forma mais clara que ensino e educação seguem em um processo contínuo, mesmo após deixarmos para trás os muros e portões das escolas, e esses limites há muito tempo já foram deixados de lado. Hoje busca-se despertar no indivíduo a percepção de que ele não precisa ser um mero consumidor de “enlatados” produzidos pela mídia impressa ou digital moldados considerando os desejos de seus produtores; pelo contrário, na contemporaneidade em que se vive, é possível assumir a autoria de seus próprios produtos com ênfase num ponto de vista próprio, de forma que venham atender, nessas produções, seus desejos, pessoais, sociais e afetivos, edições que podem pôr à prova o que é dito nos impressos, televisivos e digitais. E, isso inclui, por exemplo, utilizar-se desse meio virtual para aprender e construir conhecimentos.

Com isto, direcionamo-nos para o ponto primordial que é o da EaD. Atualmente, a grande rede deixa de ser um espaço alocado para entretenimento, jogos, hipertextos, entre outros, e passa a ter uma outra configuração, a de espaço de aprendizagem *online*, também conhecido como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Assim sendo, Rocha; Rangel e Sousa (2017), conceituam esse formato de ensinar e aprender como sendo

Uma modalidade de educação onde os participantes desse processo estão separados fisicamente no tempo-espaço, porém conectados através de meios analógicos unidirecionais que separam emissão e recepção, a exemplo do rádio, da televisão e outros meios, tais como: correspondência, DVD, vídeo aula (p. 16).

Junto a esse formato, as autoras citam também o AVA que, no entendimento das mesmas, pode ser entendido como uma abstração de uma sala de aula “física”. Neste ambiente, tempo e espaço fixo não são levados em consideração, bem como os aprendizes não precisam estar no mesmo espaço e horário para que a aprendizagem ocorra. Outro ponto relevante nesta modalidade que, diga-se de passagem, acontece dentro dos AVA’s, é a interação entre indivíduos de lugares e culturas diferentes, cuja pluralidade pode proporcionar outros olhares, formar e fortalecer opiniões sobre um mesmo objeto. Algo que aconteceria de forma bem sutil com indivíduos pertencentes à uma mesma realidade.

Essa manifestação impulsionada pelo ciberespaço valoriza e potencializa a imaginação e transformação dos saberes, além de despertar o indivíduo para aprender como também se reconhecer no outro, apresentando como resultado grande motivação e desenvolvimento de competências. O compartilhamento dessas competências somado aos caminhos percorridos, sejam eles individuais ou coletivos, que quando se cruzam fazem emergir como resultado, novas redes de conhecimento em tempo real. Lévy citado por Rocha, Rangel e Sousa (2017, p. 17) define essa interação como “inteligência coletiva”, porém, coloca o autor “longe de fundir as inteligências individuais em uma espécie de magma distinto, a inteligência coletiva é um processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades”, em outras palavras o saber desenvolvido em grupo somente potencializará aquilo que já fora conquistado individualmente.

A esse respeito, as autoras supracitadas apontam que “as atividades na EaD, portanto, devem proporcionar momentos de conscientização rigorosa e coletiva sobre a realidade em que se vive, tornando a aprendizagem mais significativa” (IDEM). Soma-se a isso as contribuições de Castells (1999, p. 448) que se coloca na discussão afirmando que “os vínculos cibernéticos oferecem a oportunidade de vínculos sociais para pessoas que, caso contrário, viveriam vidas mais limitadas, pois seus vínculos estão cada vez mais espacialmente dispersos”.

Diante disso, esse tipo de educação tem dado uma nova face às formas de ensinar e aprender, visto que, por seu intermédio, pontos de vista, aprendizados e, principalmente, o futuro de pessoas tem se transformado. Isso, pelo fato de as TDIC’s terem colocado em

instabilidade antigos modelos de representação, proporcionando novas formas de conhecimento, objetivando a vinda de outros modos de conhecimento e de aceitação social na espera do que se tornaria uma nova sociedade, pois “as mudanças no processo educacional com o uso de novas mídias trouxeram importantes desafios à prática dentro e fora da sala de aula” (ROCHA; RANGEL; SOUSA, 2017, p. 14).

Essa modalidade vem oferecendo oportunidade de ingresso no ensino a indivíduos que, por motivos particulares, não se enquadram na educação presencial. Nesse sentido, a EaD é uma forma atualizada de atender às demandas consequentes de mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, que já não conta com a mesma disponibilidade de outrora. Nela, novos métodos e técnicas são postos em prática, visando a instrução e qualificação contínua destinada a uma população, de forma que os interesses dessa última, assim como os dos desenvolvedores do projeto, sejam correspondidos, pois a referida modalidade, “potencialmente tem a marca da comunicação e propicia a criação de novas narrativas, novas maneiras de aprender e ensinar, novos hábitos e valores, e um novo fazer cotidiano cultural e de saberes” (IDEM, 2017, p. 17), contribuindo assim, para a construção de uma nova realidade de aprendizagem.

4. Considerações finais

Diante do quadro descrito, fica perceptível que a forma de comunicação virtual, seja com objetivos direcionados à diversão ou à educação, tem proporcionado um novo olhar para o mundo, e tem dado a ele uma nova cara. Esse novo *layout* tem trago grandes mudanças, principalmente, no que diz respeito ao contexto educacional. Porém, ainda são muitos os desafios encontrados pela educação, e no caso da EaD não é diferente, visto que, por motivos particulares nem todos os que a almejam, se enquadram no perfil exigido para se tornar um aluno à distância.

Apesar disso, estudar à distância viabiliza o processo de aprendizagem, uma vez que, se aprende o que interessa, independente da forma como o ensino acontece, e também o processo de busca exigido em tal modalidade, com o tempo se torna prazeroso. Além disso, dentro dos AVA's os cursando não estão sozinhos, pois interagem entre si, partilham conhecimentos, aprimoram ideias e contam com o auxílio de professores, tutores e orientadores. Nesse formato, conhecimentos são constantemente fortalecidos e reconstruídos, fatos resultantes da interação proporcionada pela modalidade de ensino.

A EaD na sociedade da interação viabiliza novos horizontes e caminhos para a educação e interação, entretanto, com o surgimento de caminhos que levam à novas atividades coletivas, emergem, também, necessidades como a de transformar o olhar social para esse novo contexto, visando o fato de que, uma sociedade amadurecida para viver em rede, certamente não se tornará refém da escravidão digital, em outras palavras, conseguirá distinguir o virtual do real sem deixar de tirar proveito de todo conteúdo e facilidades ofertadas.

5. Referências

CASTELLS, Manuel. Sociedade Interativa. In _____. A Sociedade em Rede. Vol 1. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 442-449.

MORAN, José Manuel; Marcos T. Masetto; Marilda Aparecida Behrens. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus. 2000. - (Coleção Papirus Educação).

ROCHA, Maria do Carmo Suzart; RANGEL, Marcia Tereza Rebouças; SOUZA, Lanara Guimarães de. **Introdução a educação a distância**. Salvador: UFBA, Superintendência de Educação a Distância, 2017.

O GLOBO. **Mais tempo on-line, menos tempo no mundo real**, disponível em stest <<https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/psicologos-alertam-que-uso-de-redes-sociais-pode-alimentar-solidao-21016908>>. Acesso em 09/09/17.>

SCHLEMMER, E. **Metodologias para educação a distância no contexto da formação de comunidades virtuais de aprendizagem**. In: Barbosa, R.M. (Org.). 2005. Ambientes Virtuais de Aprendizagem. ARTMED, Porto Alegre.

SILVA, Antônio Ribeiro da. **Educação à distância e o seu grande desafio: o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/012-TC-A2.htm>>. Acesso em 09/09/17.